

# DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE O CÍRCULO DE BAKHTIN E A ANÁLISE DE DISCURSO: APONTAMENTOS<sup>1</sup>

Gabriela Persio Herrmann<sup>2</sup>

*RESUMEN: Basado en el concepto de diálogo del Círculo de Bakhtin, buscamos analizar cómo se construyen las relaciones entre las categorías de lengua, discurso y sujeto, afiliados a dos campos teóricos distintos: el Círculo de Bakhtin y el Análisis del Discurso de línea francesa, cuyos principales representantes son, respectivamente, Bakhtin y Volochinov, y, Pêcheux. Desde este recorrido se puede ver un diálogo adecuado entre estos dos campos teóricos, con concordancias, negaciones, ajustes entre los conceptos tratados.*

*PALABRAS CLAVE: diálogo, Círculo de Bakhtin, Análisis del Discurso*

## 1 À PROCURA DE DIÁLOGOS

Ao refletir sobre os diálogos possíveis entre diferentes campos teóricos, cuja delimitação é a temática da linguagem, de início, parece-nos infundada tal possibilidade, devido à grande diversidade no tratamento dessa questão. Porém, ao nos inscrevermos em uma perspectiva sócio-histórica, à luz dos estudos do Círculo de Bakhtin, o qual considera a comunicação por forma de diálogos como a condição da linguagem (BAKHTIN, [1963]<sup>3</sup> 2011), entendemos que o termo diálogo, aqui, não deve ser entendido tão somente como a réplica da conversa real, face a face, entre sujeitos, ou como a plena concordância entre eles.

Compreendemos que, ao defrontarmos dois enunciados, os quais partem de diferentes sujeitos, haverá, de qualquer modo, uma relação dialógica entre eles. Tais relações de sentido estabelecidas entre os enunciados da comunicação verbal não são, entretanto, necessariamente de íntegro assentimento, de modo que um diálogo também pode ser constituído de confrontos, adaptações, discordâncias.

Em vistas de observar, nesse artigo, de que modo se dá o diálogo entre as diferentes concepções teóricas filiadas ao Círculo de Bakhtin e os

---

<sup>1</sup> Esse artigo é resultado do estudo realizado para a disciplina de Sujeito e Discurso – Módulo I, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Verli Petri.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, na área de Estudos Linguísticos, com auxílio de bolsa CAPES. (gabrielapherrmann@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> A data entre colchetes remete à edição primeira, em língua original.

pressupostos da Análise de Discurso de linha francesa, mesmo sem que tenha ocorrido um diálogo empírico entre os representantes desses campos teóricos, essa abordagem se justifica, pois

dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista, etc.). Qualquer resenha da história de alguma questão científica (...) realiza confrontos dialógicos (...) entre enunciados de cientistas que não sabiam nem podiam saber nada uns sobre os outros. (BAKHTIN, [1959-61] 2010, p.331)

Assim, neste breve estudo comparativo, procuraremos as possíveis relações entre esses dois campos de estudo da linguagem, contemplando principalmente algumas categorias – língua, sujeito, discurso –, de acordo com os domínios a que se inserem: Círculo de Bakhtin e Análise de Discurso.

Consideraremos, para essa abordagem, os seguintes autores de cada área: quanto ao Círculo de Bakhtin, os textos de Bakhtin e Volochinov; já quanto à Análise de Discurso de linha francesa, as obras de Pêcheux; Fuchs e Orlandi. Ademais, quando necessário, outros autores também serão evocados.

É de suma importância ressaltar, de início, que nossa análise não pretende, de forma alguma, sobrepor os pontos de vista advindos de cada campo teórico, tampouco impor qualquer julgamento valorativo entre eles. A importância dessas duas áreas para o desenvolvimento dos estudos das ciências da linguagem se deu de modo manifesto e respeitável. Este estudo comparativo se justifica pelas relações existentes entre os pressupostos pertencentes a cada área: por um lado, pelas semelhanças, e por outro, pelos afastamentos que aí se estabelecem.

Ademais, o propósito de um diálogo especificamente entre esses campos se confere devido a uma determinada relação por nós concebida como organizadora de nosso pensamento, a qual consideraremos adiante.

Primeiramente, é necessário pontuar o início do desenvolvimento do campo das ciências da linguagem. Após, apresentaremos brevemente o enfoque de cada um dos campos teóricos inerentes à nossa análise: o Círculo de Bakhtin e a Análise de Discurso de linha francesa.

Conceberemos, como marco inicial para a constituição de base científica

dos estudos da linguagem, a fundação da disciplina Linguística, a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916, cuja autoria é atribuída a Ferdinand de Saussure. A importância dessa obra e das ideias por ela difundidas são essenciais para o amplo desenvolvimento do campo da linguagem. Saussure considera que o objeto da disciplina Linguística é a língua, e, a partir de seu princípio de sistematicidade, organiza todo seu pensamento, que envolve conceitos como o de signo e o de valor. Porém, sabemos que, ao eleger a língua como o objeto dessa ciência, Saussure acaba por não desenvolver uma teoria que envolva o falante dessa língua e as relações que envolvem os enunciados.

Sobre o que se denomina, atualmente, de Círculo de Bakhtin, consideramos um conjunto de textos resultantes de encontros de pesquisadores, no início do século XX. Segundo Faraco (2003, p.15), este círculo *trata-se de um grupo de intelectuais [...] que se reuniu regularmente de 1919 a 1929, primeiro em Nevel e Vitebsk e, depois, em São Petersburgo*. As obras expoentes que tematizam questões sobre linguagem são assinadas por Mikhail Mikhailovich Bakhtin e Valentin N. Volochinov.

De acordo com a perspectiva do Círculo de Bakhtin, a linguagem deve ser entendida como o lugar do *código-ideológico*, do signo ideológico por excelência, sendo impossível descolar *a unicidade do meio social e a do contexto social imediato* de sua constituição. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2006, p.70)<sup>4</sup>. Assim, para essa abordagem, diferentemente da visão de língua como um sistema abstrato de formas, pensamos nela como constituída *pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações* (id, ibid,p.125).

Dessa forma, ao organizar seu pensamento através de conceitos como o de língua ligada a enunciação e interação verbal, o Círculo de Bakhtin institui uma teoria dialógica, levando em conta que todo enunciado, que compreende a comunicação verbal, configura-se como uma resposta a todos os demais enunciados pronunciados anteriormente. Bakhtin/ Voloshinov ([1929] 2006, p.135) dizem ainda que compreender a enunciação *significa orientar-se em*

---

<sup>4</sup> Sobre a questão da autoria da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, tomaremos a posição de utilizar os nomes dos dois autores russos, Bakhtin e Volochinov, separados entre si por uma barra.

*relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto adequado. Através de respostas que formulamos a outros enunciados, que por si já respondem a outros anteriores a eles, temos um diálogo infinito, sendo o enunciado um elo na cadeia da comunicação verbal. Instaure-se, portanto, a chamada relação dialógica, uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal* (BAKHTIN, [1959-1961] 2010, p.345, grifo do autor).

A fim de organizar uma disciplina em que tais aspectos fossem contemplados, Bakhtin ([1963] 2011, p.207) propõe a criação da *Metalinguística, um estudo – ainda não constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso*. Tal disciplina teria como objeto as relações dialógicas, as quais não eram consideradas pela Linguística.

Após situar, brevemente, o modo como se configura o pensamento do Círculo de Bakhtin, propomos realizar um contraponto entre essa abordagem e os pressupostos da Linguística, a partir do enfoque encontrado no *Curso de Linguística Geral*. Por meio da análise desses dois campos, é possível observarmos que eles se afastam. No momento em que Bakhtin ([1963] 2011, p.207) propõe a Metalinguística como um campo próprio, cujo objeto seriam as relações dialógicas estabelecidas entre enunciados, a relação de afastamento entre essa área e a Linguística ocorre porque elas

estudam um fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso -, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente, e não se fundir. Na prática, os limites entre elas são violados com muito frequência. (BAKHTIN, *ibid.*, p. 207)

Portanto, ao tangenciarmos a disciplina proposta pelo Círculo de Bakhtin, denominada de Metalinguística, com o campo teórico da Linguística, entendemos que a primeira se configura como uma área correlacionada, mas distinta da última. Isso pode ser conferido no momento em que Bakhtin ([1963] 2011, p. 209) afirma que a Linguística *estuda a linguagem propriamente dita com sua lógica específica na sua generalidade*, porém essa área exclui as relações dialógicas, preocupação cara à disciplina que ele nomeia. Assim, as relações dialógicas *devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias* (BAKHTIN, *op. cit.*).

É possível observarmos, portanto, que a abordagem teórica tencionada pelo Círculo de Bakhtin se distingue da Linguística por seu olhar metodológico e seus pressupostos. Além disso, o Círculo de Bakhtin classifica a Linguística como insuficiente, apesar de considerá-la necessária à sua abordagem inicial.

Passemos, agora, ao campo denominado de Análise de Discurso de linha francesa, fundado por Michel Pêcheux, no fim dos anos de 1960, a partir da publicação de *Análise Automática do Discurso*. Nessa obra, Pêcheux e Fuchs iniciam a organização de uma área que convive

na articulação de três regiões do conhecimento científico:

- 1.o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
- 2.a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
- 3.a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 1993, p.163-4)

Assim, a Análise de Discurso se configura como uma disciplina que articula os conhecimentos desses três campos, mas também propõe questões e ausências em cada um deles. Conforme Orlandi (1996, p. 23), podemos caracterizar a Análise de Discurso como *uma disciplina que se faz no entremeio*”, que não soma os conceitos de áreas distintas, mas *“discute seus pressupostos continuamente*.

Destarte, ao aventar questionamentos a esses três campos, a Análise de Discurso se delinea, de acordo com Pêcheux ([1983] 1997, p. 53), como um campo teórico que pretende trabalhar em um espaço em que *todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo*, de modo que *toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série [...] de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação*.

De acordo com Orlandi (2007, p.15), na Análise de Discurso *procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história*. Desse modo, ao eleger o discurso, visto como efeito de sentido entre locutores, a Análise de Discurso considera os processos e as condições de produção da linguagem, analisando a relação estabelecida entre a língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Ademais, esse campo de estudo observa que a materialidade específica da ideologia é o discurso, e a materialidade do discurso é a língua. A relação desses três elementos - língua,

discurso e ideologia – é complementada pelo fato de que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia.

Ao relacionarmos a área da Análise de Discurso especificamente com a Linguística, demarcada pelos estudos saussurianos, novamente, percebemos uma relação de afastamento. Apesar de não relegar, em nenhum momento, a Linguística, a Análise de Discurso se caracteriza como um campo à parte, cuja constituição apenas se relaciona com a Linguística. Podemos conferir esse posicionamento através de Pêcheux e Fuchs ([1975] 1993), em que a relação que destacamos é caracterizada por um

efeito de separação-clivagem entre a prática linguística e a análise de discurso: do ponto de vista da análise de discurso, a prática linguística aparece como uma primeira fase absolutamente indispensável (não poderia haver aí análise sem uma teoria e uma prática linguísticas), mas insuficiente como tal, na medida em que ela existe com vistas a uma segunda fase, a propósito da qual se opera uma *mudança de terreno*: a aplicação não é uma aplicação linguística sobre si própria (...), mas uma aplicação da teoria linguística em um *campo exterior*. (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 1993, p. 188-9)

Assim, tal como acontece em relação ao Círculo de Bakhtin, para a Análise de Discurso, a Linguística é vista, por um lado, como um campo do qual se retiram alguns pressupostos, mas, por outro lado, como uma área insuficiente para as abordagens propostas por ambas as perspectivas que analisamos.

Há, destarte, entre os dois campos, nos quais procuramos um diálogo, a primeira analogia, vista por nós como essencial: o fato de que tanto o Círculo de Bakhtin quanto a Análise de Discurso se assinalam como teorias distintas da Linguística, mesmo sem deslegitimá-la enquanto tal.

## 2 ABORDAGENS TEÓRICAS

A fim de compormos um diálogo entre os pressupostos do Círculo de Bakhtin e os da Análise de Discurso de linha francesa, ambas as áreas constituintes das ciências humanas, atentaremos nossa análise, principalmente, para os conceitos de língua, discurso e sujeito, entretanto,

sempre que necessário, conforme cada abordagem, outras noções serão evocadas.

## 2.1 CÍRCULO DE BAKHTIN

Ao procurarmos uma abordagem teórica sobre a linguagem dentro do Círculo de Bakhtin, deparamo-nos com a dificuldade do estabelecimento de regularidades sólidas entre os diversos textos de que dispomos. Ademais, ao enfocarmos nossa visão na produção de Bakhtin, considerado um filósofo de diversas questões, é possível perceber que *as contribuições teórico-metodológicas do pensamento bakhtiniano não configuram, efetivamente, uma proposta fechada e linearmente organizada* (BRAIT, 2006, p.61).

Assim, juntamente com Brait, entendemos que o tributo essencial dado pelo Círculo de Bakhtin é uma teoria fundamentada em uma *postura dialógica diante do corpus discursivo, da metodologia e do pesquisador* (BRAIT, loc. cit.).

Em busca dos conceitos de língua, discurso e sujeito dentro do pensamento dialógico do Círculo de Bakhtin, adentraremos, primeiramente, pelo viés da língua. Através da negação do conceito de língua como sistema de categorias gramaticais, Bakhtin/Volochinov defendem que

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2006, p. 124)

Ao organizar sua abordagem teórica através da perspectiva da língua como um fenômeno que se dá por meio da interação verbal, Bakhtin ([1963] 2011, p.207), entende que *a língua em sua integridade concreta e viva*, só pode ser estudada através do discurso.

Para esclarecermos a questão do discurso, evocaremos as noções de texto e enunciado formuladas em diversos escritos do Círculo de Bakhtin. Ao se situar dentro dos estudos das ciências humanas, Bakhtin ([1959-1961] 2010) defende que o texto, tanto oral como escrito, deve ser o norteador de todas as disciplinas que compõem essa área. Segundo Bakhtin (ibid., p. 308), o texto

pode ser visto através de dois polos: um que envolve o sistema da língua, o repetível, e outro que o torna singular e sempre outro, participante da cadeia da comunicação discursiva. Assim,

por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema corresponde no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido [...] (BAKHTIN, [1959-1961]2010, p. 309-10)

Desse modo, Bakhtin assinala que todas as disciplinas das ciências humanas se distribuem por esses dois polos do texto, de modo que *ambos os polos são incontestáveis: é indiscutível a potencial linguagem das linguagens, como é indiscutível o texto único e singular* (BAKHTIN [1959-61] 2010, p. 311). Porém, Bakhtin destaca sua preocupação pelo texto como enunciado, seu interesse *nas formas concretas dos textos e nas condições concretas da vida dos textos, na sua inter-relação e interação* (Ibid., p.319).

Ao mencionar as *condições concretas da vida dos textos* Bakhtin refere-se ao enunciado, visto como o texto dentro da comunicação discursiva, dentro da língua como fenômeno da interação verbal. Entendemos, portanto uma primeira distinção dentro do pensamento do Círculo de Bakhtin: o texto pode ser visto no sentido estritamente linguístico, como algo repetível, e que não interessa para essa abordagem; e, o texto como enunciado, *como um conjunto de sentidos* (Ibid., p.329).

Destarte, o enunciado, para Bakhtin é a unidade da comunicação discursiva, de modo que *o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana* (BAKHTIN, [1952-1953] 2010, p. 261). Segundo o autor, todo enunciado se constitui pela alternância dos sujeitos, por sua relação com a realidade extraverbal, por sua relação com os demais enunciados e, finalmente, por sua conclusibilidade, ou seja, a capacidade de se responder a esse enunciado. Entram aí as noções de relações dialógicas e de compreensão responsiva, que são fundamentais para a construção da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin.



Para Bahktin ([1959-1961] 2010) todo enunciado está ligado a outros enunciados, por relações dialógicas, isto é, *complexas e dinâmicas relações semânticas de tipo especial* (p.323). Assim, tais relações se instituem porque todo enunciado é um elo na cadeia verbal, sendo que antes dele e depois dele há outros enunciados. Desse modo, para entendê-los é essencial saber que

os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmo; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros.[...] Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKHTIN, [1952-1953] 2010, p. 297)

Portanto, ao compreendermos a noção de enunciado e das relações dialógicas que os unem, é preciso assinalar o papel da compreensão responsiva ativa, entendida como todo processo instituído assim que nos deparamos com enunciados de outros. Destarte,

a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. [...] A compreensão é uma forma de *diálogo*; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor a palavra do locutor uma *contrapalavra*. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2006, p.135)

Dessa forma, a compreensão dos enunciados é de natureza ativa e dialógica, pois *toda compreensão [...] do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante* (BAKHTIN, [1952-53] 2010, p.271)

Assim, dentro da abordagem do Círculo de Bakhtin, compreender significa tomar uma posição em relação ao enunciado do outro, cuja forma se estabelece através de uma resposta, em que o meu enunciado *concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc* (BAKHTIN, [1952-53] 2010, p.272).

Desse modo, após assinalarmos as noções de texto e enunciado, entendemos que o discurso é, primeiramente, um objeto linguístico, que deve ser inserido na comunicação verbal para se tornar discurso.

Ademais, o discurso se liga profundamente ao enunciado, realizando-se por meio deles, de modo que o *discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso* (Ibid., p. 274).

Isto também pode ser conferido pelas palavras de Indursky (2000, p. 72) que diz que *o enunciado é a unidade de análise discursiva através da qual é possível vislumbrar as diferentes vozes que se estabelecem entre si relações dialógicas.*

E é a partir da noção de discurso que podemos entender o modo como a abordagem do Círculo de Bakhtin vê a de sujeito, mesmo que, segundo Dahlet ([1997] 2005, p.56) *o dialogismo bakhtiniano não organize propriamente uma descrição da subjetividade correspondente a essa concepção do sujeito como lugar de passagem de discursos submersos e de palavras diante dele.*

Entretanto, segundo esse autor, *o dialogismo bakhtiniano se fundamenta na negação da possibilidade de conhecer o sujeito fora do discurso que ele produz* (DAHLET, [1997] 2005, p. 57)

Dessa forma, é possível perceber um sujeito construído também por um princípio dialógico, através da alteridade que constitui com o outro, sendo ao mesmo tempo social e individual. Conforme Faraco (2003), o sujeito não deixa de ser um ser único e irrepetível, tal como seu discurso, dentro da interação da comunicação verbal. Assim,

pode-se dizer que para o Círculo, o sujeito é social de ponta a ponta ( a origem do alimento e da lógica da consciência é externa à consciência) e singular de ponta a ponta (os modos como cada consciência responde às suas condições objetivas são sempre singulares, porque cada um é um evento único do Ser). (FARACO, 2003, p.83)

Ademais, podemos encontrar no Círculo de Bakhtin um sujeito consciente de suas escolhas no momento em que produz enunciados, pois *em cada enunciado [...] sentimos a intenção discursiva de discurso ou a vontade*

*discursiva do falante, que determina o todo do enunciado, o seu volume e suas fronteiras* (BAKHTIN, [1952-53] 2010, p.281).

## 2.2 ANÁLISE DE DISCURSO

Ao atentarmos para a área da Análise de Discurso de linha francesa, podemos organizar essa abordagem através das palavras de Pêcheux, ao defender que *a análise de discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito* (PÊCHEUX, [1983] 1999, grifo do autor)<sup>5</sup>.

Caracterizamos, desse modo, a Análise de Discurso como uma disciplina que se preocupa com a interpretação, que é, conforme Orlandi (1996), vista como uma obrigação, pois em face de qualquer objeto simbólico, o sujeito se encontra na necessidade de dar sentido, construindo domínios de significação, tornando possíveis os gestos de interpretação.

A partir de agora, rastreamos de que modo se configura esse campo teórico, tendo por foco as noções de língua, sujeito e discurso dentro de uma disciplina que inclui a determinação histórica, de modo que os sentidos são considerados como não fixados, além de abranger a noção de sujeito e de situação. (ORLANDI, 1996).

De acordo com Pêcheux e Fuchs ([1975] 1993, p. 172), preocupados com uma teoria na qual o corpus é discursivo, é preciso levar em conta que *estando os processos discursivos na fonte da produção dos efeitos de sentido, a língua constitui o lugar material onde se realizam estes efeitos de sentido*. Assim, para esses autores, e na perspectiva da Análise de Discurso é *insuficiente conceber a língua como a base de um léxico e de sistemas fonológicos, morfológicos e sintáticos* (PÊCHEUX; FUCHS, op. cit), pois ela deve ser vista como o lugar onde os sentidos estão em funcionamento.

Segundo Orlandi (1996, p.16), a Análise de Discurso não trabalha com a *língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no*

---

<sup>5</sup> Esta citação se refere ao artigo *Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso*, publicado em 1999, na revista Escritos.

*mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas. Para essa autora, a língua é a possibilidade do discurso (ORLANDI, 2007).*

É importante ressaltar que, para a Análise de Discurso, nem a língua, nem os sentidos, nem os sujeitos são transparentes, de modo que eles têm sua materialidade e se constituem em processos que a língua, a história e a ideologia concorrem juntamente.

Assim, o campo da Análise de Discurso elege o discurso como seu objeto. Sobre isso Pêcheux e Fuchs ([1975] 1993, p.188) assinalam a *especificidade da análise de discurso, a saber, que o objeto a propósito do qual ela produz seu “resultado” não é um objeto linguístico mas um objeto sócio-histórico onde o linguístico intervém como pressuposto.*

Orlandi (2005, p.11), define o discurso *como sendo efeito de sentido entre locutores* e, para observar o funcionamento do discurso, a autora esclarece que não se deve opor social e histórico, o sistema e a realização dele, o subjetivo e o objetivo.

A fim de melhor entendermos a noção de discurso, é necessário observarmos o que diz Orlandi (1996) sobre texto e discurso. Segundo a autora, o texto é *uma peça de linguagem* (Ibid. 52), uma unidade significativa, um objeto linguístico-histórico, que ao ser considerado como discurso é incompleto, como unidade não-fechada, pois tem relação com outros textos, com suas condições de produção e com o interdiscurso, a memória do dizer.

Assim, na Análise de Discurso pensa-se na historicidade do texto como constitutiva, tendo em vista o texto enquanto materialidade histórica, de modo a se compreender como a matéria textual produz sentidos.

Entendemos, desse modo, que o texto pode ser visto, a partir dessa abordagem, por um lado, como a materialidade que tem começo, meio e fim; e, por outro, como discurso, em que há a incompletude e o equívoco. Vale ressaltar que interessa, para a Análise de Discurso, o texto como discurso, o modo como o texto organiza sua discursividade, lugar onde se encontra a ordem da língua e a ordem da história.

De acordo com as palavras de Orlandi (1996, p.58), nesse campo teórico, deve-se enxergar *o texto como fato [...], enquanto objeto simbólico.* Orlandi (1996) destaca, ainda, que o analista deve sempre remeter o texto a

um discurso, de modo a esclarecer as relações deste com as formações discursivas, pensando as relações destas com a ideologia.

Enfim, essa autora demarca o texto como unidade que dá acesso ao discurso, sendo o lugar da relação com a representação física da linguagem, visto como objeto simbólico, e, por conseguinte, objeto de interpretação (ORLANDI, 1996).

É importante assinalarmos que, dentro dessa abordagem, não há discurso sem sujeito, e que em frente a qualquer discurso, o sujeito é obrigado a interpretar.

Sobre isso, Pêcheux ( [1983] 1997, p.57) localiza a Análise de Discurso como uma área na qual se supõe que

através das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados. (PÊCHEUX, [1983] 1997, p. 57)

Desse modo, diante de todo objeto simbólico o sujeito é obrigado a tomar uma posição, a interpretar.

Orlandi (1996) ainda enfatiza que a interpretação é um gesto, um ato, que se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pelo silêncio. A interpretação é, então, o lugar da ideologia, e sempre se dá em um lugar da história e da sociedade.

Destarte, devido à incompletude da linguagem, a interpretação é, para a autora, uma relação necessária, um espaço do possível, da falha, do efeito metafórico, do equívoco, que intervém decisivamente na relação do sujeito com o mundo, que ao significar se significa, de modo que, por conseguinte, não há sentido sem interpretação (ORLANDI, 1996).

Por fim, é preciso observar o modo como o sujeito se constitui nessa perspectiva. Para Pêcheux e Fuchs ([1975] 1993, p.165-66), o sujeito é concebido pelo processo de interpelação, ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade.

Para Orlandi (1996), o sujeito é uma posição entre outras, visto que ele pode falar de diferentes posições, de modo que os sentidos se constituirão a partir delas, as quais não são acessíveis a ele, sendo que isso é resultado do

efeito ideológico. É um sujeito que se produz entre diferentes discursos, numa relação com a memória do dizer, o interdiscurso, definindo-se por uma formação discursiva em relação com as demais.

Além disso, o sujeito é atravessado pela linguagem e pela história, de modo que ele só tem acesso à parte do que diz. Ele é, portanto, sujeito à língua e à história, pois, para se constituir e produzir sentidos, é afetado por elas.

Assim, só se é sujeito pela submissão à língua, pois

não há sujeito nem sentido sem o assujeitamento à língua. Quando nascemos não inventamos uma língua, entramos no processo discursivo que já está instalado na sociedade e desse modo nos submetemos à língua subjetivando-nos (ORLANDI <sup>6</sup>)

Ainda sobre essa questão, Petri (2004, p. 70) explicita que, na Análise de Discurso, deve-se pensar o sujeito *como dotado de inconsciente e atravessado pela ideologia, enquanto presença essencial na teoria do discurso, pois sua constituição está imbricada à constituição do sentido no discurso.*

Ao conceber que o sujeito é submisso à língua e que ele não é a origem de si, Pêcheux faz críticas às teorias em que o sujeito é visto como único, como a origem de si, assinalando que

a dificuldade das teorias atuais da enunciação reside no fato de que estas teorias refletem na maioria das vezes a ilusão necessária construtora do sujeito, isto é, elas se contentam em reproduzir no nível teórico esta ilusão do sujeito, através da ideia de um sujeito enunciador portador de escolha, intenções, decisões [...] (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 1983, p.175)

Podemos compreender, portanto, o campo da Análise de Discurso como um teoria que leva em conta *uma análise não-subjetiva dos efeitos de sentido que atravessa a ilusão do efeito-sujeito (produção/leitura) e que retorna ao processo discursivo por uma espécie de arqueologia regular* (PÊCHEUX; FUCHS [1975] 1993, p. 170).

### 3 REFLEXÕES FINAIS

---

<sup>6</sup> Esta citação se refere ao artigo *A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica.* Disponível em <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=26&id=296>>. Acesso em: 10 maio 2011.

Sobre relações possíveis entre esses dois campos, dialogamos, nós mesmos, com outros autores, tais como, Indursky (2000 e 2005), Barros (1997/2005) e Faraco (2003).

Faraco (2003) já nos antecipa, de antemão, que, em termos gerais, *de todas as disciplinas linguísticas contemporâneas, é a análise de discurso aquela da qual mais diretamente se aproximaria o projeto de uma translinguística [ou Metalinguística, conforme nomeia Bakhtin]* (p.103). Porém o autor considera a diversidade teórica entre essas duas áreas, demarcando que Bakhtin, tal qual às teorias do discurso, se interessava pelo *estudo da significação ao enunciar* (Ibid. p.105)

Sobre essa relação entre os estudos do Círculo de Bakhtin e as teorias do discurso, Barros (2005) aponta, também, que a Metalinguística proposta por Bakhtin teria como correspondente uma teoria do discurso. Ao tomar como objeto de seu estudo as relações que se estabelecem entre discursos, trazendo para as ciências humanas o lugar do homem, a autora aponta que *as reflexões de Bakhtin sobre as ciências humanas e a linguagem indicam já algumas razões que o tornaram precursor e antecipador dos estudos do discurso* (Ibid, p.28)

Já Indursky (2005), ao analisar o modo como Bakhtin e Pêcheux refletem sobre a língua, define que os dois autores se contrapõem a uma visão de língua estritamente sistêmica, proveniente da abordagem de Saussure. Assim, para Indursky, quanto à língua, é possível aproximar as abordagens do Círculo de Bakhtin e da Análise de Discurso de linha francesa, pois

para Bakhtin, a língua precisa dar conta das relações sociais e interindividuais [...]. Para Pêcheux, por sua vez, a língua deveria dar conta do histórico, o que faz com que o ambíguo, a ambivalência, o equívoco, o mal entendido sejam parte constitutiva da mesma. Ambos recusaram-se, pois, a trabalhar com a língua sistêmica, tal como formulada em Saussure, que exclui a exterioridade, vale dizer, o sujeito e seu trabalho da/na língua, elementos imprescindíveis para encetar a reflexão realizada pelos dois [Bakhtin e Pêcheux]. (INDURSKY, 2005, p.102)

Desse modo, é possível estabelecer uma segunda relação entre o Círculo de Bakhtin e a Análise de Discurso, baseada no fato de que ambas as áreas levam em conta a língua diferentemente da noção de língua da Linguística tradicional, proveniente do pensamento saussuriano.

Sobre a noção de discurso, Indursky (2000) assinala,

novamente, uma concordância entre Bakhtin e Pêcheux, pois em ambos os autores *o discurso pode ser pensado como um objeto linguístico, com a condição de que seja entendido como não inteiramente linguístico* (p.74).

Encontramos aqui, mais uma aproximação entre os dois campos em destaque, o fato de que o discurso é entendido como um objeto que pressupõe o linguístico, mas o ultrapassa, de modo que entendemos a palavra linguístico como da ordem da língua.

Nesse momento, é possível também aproximar uma noção que não estava dentro de nosso foco, mas que foi evocada tanto em uma como em outra abordagem: a compreensão dos enunciados e discursos. Há, mais uma vez, uma aproximação, advinda do fato de que, a princípio, tanto para a compreensão responsiva ativa, noção pertencente ao Círculo de Bakhtin, quanto para a interpretação, abordada na Análise de Discurso, importam as tomadas de posição do sujeito.

Porém, ao ressaltar a visão de sujeito provenientes dessas duas áreas, Indursky (2000) deixa claro que aí se estabelece uma distinção fundamental. Segundo a autora, o sujeito apresentado pelo Círculo de Bakhtin, que é consciente de suas escolhas, difere do sujeito da Análise de Discurso, que se descentraliza e *cinde-se, torna-se uma posição-sujeito entre outras que decompõem a forma-sujeito* (p.79).

Ainda mais, segundo a autora, em Pêcheux, *o indivíduo é interpelado em sujeito e, a partir daí, se constitui em sujeito de seu discurso, identificando-se com os saberes da Formação discursiva em que seu discurso se inscreve e de onde retira os sentidos* (INDURSKY, 2005, p.111).

Desse modo, Indursky (2000) defende que é possível *aproximar a concepção dialógica que Bakhtin tem do discurso com a perspectiva assumida por Pêcheux ao longo da construção de sua Teoria do discurso*, entretanto, deve-se levar em conta que na Análise de Discurso *é concebida uma perspectiva não-subjetiva da enunciação, onde o sujeito não é o centro do discurso* (p.78).

A partir dessa abordagem encontramos uma relação de afastamento entre essas duas áreas, as quais vislumbram o sujeito de modo distinto, de acordo com a relação que se estabelece com as demais noções de cada uma



das abordagens, sobretudo pelo fato de que na Análise de Discurso encontramos um sujeito definido pela ideologia e pelo inconsciente.

#### **4 CONCLUSÕES**

Ao propormos a realização de um diálogo entre duas áreas que se interessam pela linguagem, a saber, o Círculo de Bakhtin e a Análise de Discurso de linha francesa, já tínhamos consciência das dificuldades aí assumidas. Porém, a partir desse breve apontamento, que tomou por foco as noções de língua, discurso e sujeito em cada uma das abordagens, é possível estabelecer um diálogo em que há concordâncias e afastamentos.

Após a leitura atenta dos conceitos destacados por nós, é possível assinalar um diálogo propriamente dito, em que não há somente concordâncias, mas que se instauram relações de afastamento, recusa e adaptação. Assim, entendemos que as áreas analisadas se aproximam por serem campos distintos da Linguística, vista pelo viés saussuriano, e por suas noções de língua e discurso. Porém, tais áreas se afastam pelo modo como encaram a noção de sujeito.

Tal cotejo entre o Círculo de Bakhtin e a Análise de Discurso nos serviu para compreender melhor como cada uma das áreas organiza seus pressupostos, além de fazer com que nos aprofundássemos mais no campo teórico em que inserimos nossas pesquisas, a saber, os estudos bakhtinianos.

De qualquer modo, vale ressaltar a relevância dos dois enfoques aqui apresentados, tanto do Círculo de Bakhtin quanto da Análise de Discurso, levando em conta, essencialmente, a importância do ajuste do olhar sobre o homem e sua vida, ambos constituídos através da língua, vista não só como um sistema gramatical de escolhas.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BAKHTIN/VOLOSHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1929/2006.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1952-53/2010, p. 261-306.

\_\_\_\_\_. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1959-61/2010. p. 307-335.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1963/2011.

BARROS, D.L.P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: Brait, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. São Paulo, Editora da Unicamp, 2005, p. 25-36.

BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. In: **Gragoatá**. Niterói, n.20, 1º semestre 2006, p.47-62.

DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In: Brait, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. São Paulo, Editora da Unicamp, 2005, p. 55-84.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba, Paraná: Criar, 2003.

INDURSKY, F. Reflexões sobre a linguagem: de Bakhtin à Análise do Discurso. **Línguas e instrumentos linguísticos**. Campinas, São Paulo. n. 4/5, p. 69-88, dez. 1999/jun. 2000.

\_\_\_\_\_. A ideologia em Bakhtin e em Pêcheux: um estudo em contraponto. In: ZANDWAIS, A. (Org). **Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005. p. 101-115.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 7 edição, 2007.

\_\_\_\_\_. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. In: **Estudos da Língua(gem)**. n. 1. Vitória da Conquista, jun. 2005, p.9-13.

\_\_\_\_\_. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica. **Com Ciência -Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. Disponível em <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=26&id=296>>. Acesso em: 10 maio 2011.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997. Edição original: 1983.

\_\_\_\_\_. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. (1993) Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi. In: **Escritos**, n. 4., Contextos epistemológicos da Análise de Discurso. Campinas, SP: Labeurb/ Nudecri. 1999, p. 7-17.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993, p. 163-252.

PETRI, Verli. Algumas reflexões sobre o sujeito nos estudos da linguagem. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**. n. 13/14. Campinas, São Paulo : Pontes, 2004, p. 65-74.